Parte 3 - Pesquisa qualitativa: aplicações nos estudos urbanos

Abordagens metodológicas para o estudo de aglomerações urbanas no Brasil: Montes Claros/MG como objeto de análise

Iara Soares de França
Beatriz Ribeiro Soares

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FRANÇA, I.S., and SOARES, B.R. Abordagens metodológicas para o estudo de aglomerações urbanas no Brasil: Montes Claros/MG como objeto de análise. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 305-325. ISBN 978-85-7511-443-8.
<https://doi.org/10.7476/9788575114438.0019>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Abordagens metodológicas para o estudo de aglomerações urbanas no Brasil: Montes Claros/MG como objeto de análise*

Iara Soares de França
Beatriz Ribeiro Soares

A concentração, a diversificação e a especialização de atividades em determinadas localidades são fatores que diferenciam os espaços urbanos e culminam em trocas intra e interurbanas. A população de municípios com menor complexidade e diversidade funcional tende a deslocar-se para espaços mais dinâmicos econômica e estruturalmente. Os custos de transportes, a localização geográfica do mercado consumidor e os deslocamentos populacionais são forças motivadoras para a formação das aglomerações urbanas, uma vez que os municípios passam a estabelecer relações de troca com seu entorno, seja consumindo, seja oferecendo serviços, comércio e bens diversos.

Matos (2000) destaca que a aglomeração urbana é um conceito de uso recente no Brasil e diz respeito a um conjunto de pessoas ou atividades que se concentram em espaços físicos relativamente pequenos, daí sua acepção eminentemente urbana, e não rural.

* Este artigo resulta da tese de doutoramento de Iara Soares de França, intitulada *Aglomeração urbana descontínua de Montes Claros/MG: novas configurações socioespaciais*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em fevereiro de 2012, sob orientação da professora Beatriz Ribeiro Soares.

Além da escala territorial, a aglomeração atinge a escala espacial. Nesse sentido, o conceito de aglomeração urbana remete à concentração de pessoas, serviços e atividades em espaços compactos, não ultrapassando os limites administrativos de uma cidade.

Neste artigo, analisa-se o conceito de aglomeração tendo em vista não o agrupamento de municípios limítrofes (continuidade territorial urbana), mas elementos de integração socioeconômica (continuidade espacial) entre as cidades.

Os estudos de Johnson (1974), Beaujeu-Garnier (1995), Villaça (1997), Matos (2000), Pereira e Lemos (2004), Moura, Castello Branco e Firkowski (2005), Haesbaert (2006), Miyazaki (2008) e Corrêa (2007) sobre as aglomerações urbanas contribuíram para a análise desse processo a partir do estudo de caso da cidade média de Montes Claros, em Minas Gerais.

As cidades médias são centros nos quais as aglomerações urbanas podem se estruturar e se consolidar. Esses centros urbanos, cada vez mais, estão sendo dotados de potencialidades que os tornam capazes de atrair, para seu espaço interno e regional, capitais econômicos, tecnologias, indústrias, fluxos populacionais, dentre outros. Esses elementos alimentam as redes urbanas em que se inserem as cidades médias, tanto na escala intra quanto interurbana.

Quando integradas, as cidades aglomeradas realizam relações de centralidade, subordinação ou interdependência em espaços cada vez mais integrados territorialmente e contínuos espacialmente. Os diversos tipos de articulação e de integração espacial entre os centros urbanos, realizados por meio dos papéis por eles desempenhados, são elementos que engendram a configuração espacial da aglomeração urbana.

Entre a cidade média de Montes Claros¹ e seus municípios limítrofes no norte de Minas, verificam-se a formação e a constituição do processo de aglomeração. A aglomeração em análise mostra uma articulação entre Montes Claros e seus vizinhos que vai além dos limites administrativos e contempla notadamente a esfera econômica, a partir da localização de atividades econômicas e dos fluxos de pessoas, transportes, mercadorias e capitais, o que evidencia uma continuidade espacial.

Estudos de caso sobre aglomerações urbanas no Brasil e metodologias de análise

Aspectos institucionais sobre o estudo de aglomerações urbanas no Brasil e suas tipologias na década de 1970 foram examinados por Davidovich e Lima. As autoras identificaram a formação dessas aglomerações: “Compreendendo aglomerações

¹ Para a análise de Montes Claros como cidade média, pesquisar França (2007).

resultantes da expansão de uma cidade central; aglomerações por processo de conurbação; aglomerações de cidades geminadas; aglomerações sem espaço urbanizado contínuo” (1975, p. 31).

Moura, Castello Branco e Firkowski lançam alguns critérios para delimitar as aglomerações e suas características urbanas:

O cruzamento das informações dos deslocamentos pendulares com outros indicadores – como densidade demográfica, taxas de crescimento da população, estrutura ocupacional e fragmentação municipal – pode contribuir para a construção de tipologias dos municípios dessas áreas, sendo de fundamental importância para avaliar o grau de inserção no fenômeno urbano-metropolitano da aglomeração. É também uma notável contribuição para a constituição de parâmetros para a delimitação institucional de aglomerações urbanas e regiões metropolitanas e – por que não? – para se rediscutirem os limites espaciais das unidades já institucionalizadas (2005, p. 126).

Tais procedimentos apontam a importância da dinâmica da economia como elemento de atração na configuração dos deslocamentos e seu papel como motor da forma de aglomeração. Esses fatores, aliados à “transparência” dos limites municipais, contribuem definitivamente para a extensão territorial das cidades e, em algumas delas, para o reforço do processo de configuração de aglomerações.

Nesse sentido, a formação das aglomerações urbanas norteia, pelo menos, duas possibilidades de análise: por um lado, observam-se as especificidades entre os núcleos pertencentes ao aglomerado, quer sejam grandes, médias ou pequenas cidades; por outro, concebe-se, no processo de aglomeração urbana, um instrumento possível para o planejamento urbano e territorial numa escala não somente municipal, mas também regional.

Matos avaliou alguns resultados do estudo que o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) divulgou em 1999, no “âmbito das aglomerações urbanas e da rede urbana brasileira”:

Trata-se de um conjunto de 94 áreas urbanas, no qual comparecem duas grandes metrópoles (São Paulo e Rio de Janeiro), 47 aglomerações urbanas metropolitanas e não metropolitanas e outros 44 municípios de porte médio. Os dados indicam que tais áreas urbanas incorporavam 49,5% da população brasileira em 1980, 52,3% em 1991 e 53,3% em 1996, exibindo, portanto, uma tendência de aumento da participação relativa (2000, p. 12).

Nesse estudo, Montes Claros destacou-se entre as demais cidades analisadas pelo crescimento demográfico:

Examinando melhor o desempenho destes centros em termos de taxa média anual de crescimento no período 1980-1991, pode-se destacar a presença de 51 localidades que apresentaram crescimento superior à média histórica brasileira (em torno de 2,5% a.a.). [...] no Sudeste (Franca, Uberlândia, Vitória, São José do Rio Preto, Campinas, Sorocaba, Sete Lagoas, São José dos Campos, *Montes Claros*, Bauru e Ribeirão Preto) [...] (p. 13, grifo nosso).

A pesquisa “Dimensões da urbanização dispersa e proposta metodológica para estudos comparativos: uma abordagem socioespacial em aglomerações urbanas brasileiras”, conduzida por Ojima (2007, pp. 14-5), também é um exemplo de análise sobre as aglomerações urbanas brasileiras.

Para esse estudo, o autor pautou-se no conceito de aglomeração urbana trabalhado pelo IPEA, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp):

Cabe esclarecer que, ao usar o termo ‘aglomeração urbana’, não se está fazendo referência à figura institucional prevista constitucionalmente. Consideraram-se, para a delimitação destas unidades de análise, os critérios propostos pela pesquisa *Características e tendências da rede urbana no Brasil* (IPEA, IBGE, Unicamp, 2001).

As dimensões de análise utilizadas puderam ser observadas recorrentemente na literatura e concentram-se, sobretudo, segundo as seguintes características: densidade, fragmentação, orientação e centralidade.² Sua utilização justifica-se por suas potencialidades na mensuração da forma urbana e sua aplicabilidade a partir dos dados disponíveis em âmbito nacional (Ojima, 2007, p. 15). A metodologia de análise de aglomerações urbanas, nesse estudo, pode ser assim descrita:

Neste sentido, adicionou-se o grau de dispersão, por meio de um indicador dos movimentos pendulares, para mensurar a dimensão da integração das aglomerações urbanas. Assim, utilizou-se uma composição de dois indicadores de integração: a proporção de movimentos pendulares internos à aglomeração urbana com destino não polarizado na sede; e a proporção de movimentos pendulares pelo total da população. O primeiro refere-se ao padrão e à direção dos movimentos, sendo que aquelas aglo-

² Para maior detalhamento sobre o estudo de Ojima (2007), consultar França (2012).

merações urbanas que possuem movimentos pendulares menos polarizados pela sede foram consideradas as que possuem um modelo de urbanização mais disperso. No segundo caso, a proporção de movimentos pendulares pelo total da população serve como parâmetro de padronização, uma vez que a importância dos movimentos com direção à sede dependerá da relevância que eles possuem no contexto do total da aglomeração urbana (p. 29).

A pesquisa elaborada pelo IPEA, pelo IBGE e pela Unicamp, *Configuração atual e tendências da rede urbana* (2001), considerou quatro critérios necessários aos centros urbanos que integram uma aglomeração: continuidade territorial; tamanho populacional mínimo do núcleo da aglomeração; concentração populacional mínima de sessenta habitantes por km²; e predominância das atividades urbanas com 65% da população economicamente ativa (PEA) nos setores secundários e terciários (Miyazaki, 2008, pp. 38-9).

As pesquisas aqui apresentadas trataram do processo de aglomeração urbana a partir de conceitos e metodologias de análise específicos a cada escala espacial e temporal considerada. Essas discussões e contribuições, apresentadas tanto no âmbito conceitual quanto no metodológico, são importantes no sentido de subsidiar outros estudos que se direcionem ao tema aglomerações urbanas.

A aglomeração urbana descontínua de Montes Claros: procedimentos de análise

As interações entre as cidades que compõem a aglomeração urbana descontínua de Montes Claros foram demonstradas a partir da conexão espacial de fluxos econômicos (comércio e serviços), demográficos (migração pendular) e de transporte, que ocasionaram a estruturação desse processo. Posteriormente, agregaram-se esses dados e, com isso, apresentou-se uma tipologia no âmbito do processo de aglomeração urbana aqui em análise.

A aglomeração de Montes Claros é integrada por 12 municípios situados na porção norte do território de Minas Gerais: Montes Claros, Bocaiuva, Coração de Jesus, São João da Ponte, Francisco Sá, Capitão Enéas, Mirabela, Claro dos Poções, Patis, São João da Lagoa, Juramento e Glaucilândia (mapa 1).

Mapa 1 – Aglomeração urbana de Montes Claros/MG

A aglomeração é formada por uma cidade média, Montes Claros, e 11 cidades pequenas, totalizando 537.238 habitantes (IBGE, 2010). O tamanho da população dos municípios é bastante diferenciado. No conjunto dos municípios, apenas Montes Claros possui população superior a 100 mil habitantes. Bocaiuva é o único município da aglomeração com população em torno de 50 mil habitantes. Coração de Jesus, São João da Ponte e Francisco Sá apresentam população aproximada de 25 mil habitantes. Capitão Enéas e Mirabela possuem população em torno de 14 mil habitantes. Claro dos Poções tem população aproximada de 8 mil habitantes. Patis, São João da Lagoa, Juruamento e Glaucilândia caracterizam-se por uma população pequena, entre 3 mil e 5 mil habitantes.

A dimensão demográfica é um dos critérios para definir a aglomeração, conforme metodologia elaborada pelo estudo *Configuração atual e tendências da rede urbana*, realizado por IPEA, IBGE e Unicamp, em 2001. O tamanho populacional mínimo do núcleo da aglomeração deve ser de 200 mil habitantes, quando a “expansão se dá a partir de um centro urbano principal”, e de 150 mil habitantes, quando “a aglomeração é decorrente da expansão de dois ou mais núcleos urbanos” (Miyazaki, 2008, p. 39).

Outro critério para identificar a aglomeração definido por IPEA, IBGE e Unicamp (2001) é a densidade demográfica mínima de 60 habitantes por km². Essa classificação revela a necessidade de construção de novos indicadores para o estudo de aglomerações urbanas de menor porte ou não metropolitanas. A densidade demográfica dos municípios da aglomeração é variável, o que reflete uma distribuição populacional bastante heterogênea. Montes Claros possui elevada densidade demográfica em relação aos demais municípios.

O Produto Interno Bruto (PIB) total do conjunto dos municípios da aglomeração é de R\$ 4.532.645,00 e se concentra em Montes Claros (76,4%). A economia da aglomeração está assentada nas atividades terciárias e industriais (93%), cuja importância na renda e na geração de empregos é cada vez mais crescente. Em todos os municípios, observou-se elevada participação do setor terciário, o que acarreta impactos na dinâmica de funcionamento das cidades e transformações espaciais. Este foi o principal fator a impulsionar a consolidação da aglomeração urbana, ligada a uma zona terciária comandada pela cidade central, Montes Claros.

Integração espacial e interações contínuas e descontínuas na aglomeração. Fluxos demográficos: deslocamento pendular

Os deslocamentos domicílio-trabalho-estudo constituem importante referencial para a análise dos processos de aglomeração e de expansão urbana. Nas palavras de Moura, Castello Branco e Firkowski, os movimentos pendulares

ocorrem entre distâncias cada vez maiores entre a origem e o destino, revelando o avanço do processo de ocupação do espaço das aglomerações urbanas. As centralidades dessas áreas tornam-se nítidas e permitem a identificação de processos seletivos de uso e apropriação do espaço, com segmentação dos locais de moradia e de trabalho (2005, p. 121).

Para o IBGE, o conceito de movimento pendular refere-se ao deslocamento de pessoas entre municípios com a finalidade de trabalho ou estudo. Em suas análises sobre esse tipo de movimento, o instituto focaliza a pesquisa de municípios de origem e destino para trabalho e estudo da população residente. Nessa perspectiva, o movimento pendular consiste no deslocamento diário da população entre o local de residência e o de trabalho. Esse conceito foi utilizado pelo IBGE no *Censo demográfico* realizado no ano 2000 (IBGE, 2001; REGIC, 2007).

Para a pesquisa, consideraram-se finalidades diversas de deslocamentos, não restritas aos motivos trabalho e estudo, para se compreender o movimento de população

de municípios do norte de Minas para Montes Claros, vinculado ao setor terciário da economia. O deslocamento de pessoas entre cidades em busca de trabalho, serviços e outras formas de consumo especializado provoca uma relação direta entre o centro regional e os municípios do entorno.

Partindo da premissa de que o fluxo de pessoas é um indicador importante para se entender a integração entre as cidades da aglomeração, identificou-se, no âmbito do conjunto de municípios que integram essa aglomeração, o número de pessoas que se deslocam para municípios vizinhos de onde residem para desempenhar atividades de consumo diversas. Assim, foi possível conhecer e compreender os movimentos pendulares no interior da aglomeração e destacar sua origem, seu destino e suas razões.

Utilizaram-se os dados do IBGE disponíveis no *Censo demográfico 2000* como fonte de informações sobre os deslocamentos diários de pessoas na aglomeração. Verificou-se que a maior parte dos deslocamentos pendulares no conjunto dos municípios da aglomeração se direcionava a Montes Claros, ou seja, 62,9% da migração pendular tinha como destino a cidade principal. Isso reforça a centralidade dessa cidade, que reúne serviços especializados não ofertados no local de residência dos indivíduos que promovem os movimentos pendulares.

Gráfico 1 – Aglomeração: migração pendular, 2000 (%)

Fonte: IBGE (2000).

No caso de Montes Claros, notou-se que pessoas de todos os municípios da aglomeração se deslocam diariamente para a cidade. O total de deslocamentos diários foi de 1.724 no ano 2000 (IBGE). Todavia, chamam a atenção os fluxos migratórios decorrentes dos municípios de Francisco Sá, Bocaiuva, Claro dos Poções e Capitão Enéas para Montes Claros, que representam 23%, 12%, 11% e 11%, respectivamente, no total.

Mapa 2 – Migração pendular para Montes Claros/MG, 2000

Devem-se considerar as distâncias intermunicipais um dos fatores determinantes para o movimento diário da população na aglomeração. Os deslocamentos de Francisco Sá, Bocaiuva, Claro dos Poções e Capitão Enéas para Montes Claros são de curta distância, entre 40 e 65 km.

Ao exercer importância como centro regional, Montes Claros configura-se como um aparelho de atração populacional, pois sua infraestrutura leva indivíduos de outros municípios a se deslocarem para lá diariamente em busca de comércio e serviços que não encontram em seus locais de origem.

Fluxos de comércio e serviços

Além da migração pendular, devem-se considerar as interações econômicas entre os municípios da aglomeração com a finalidade de comércio e prestação de serviços, pois elas permitem compreender, de maneira direta e atualizada (2011), as intensidades das relações entre os municípios e o núcleo da aglomeração. Para isso, realizou-se pesquisa de campo com aplicação de entrevistas em 150 estabelecimentos de comércio e serviços em 11 municípios da aglomeração, excetuando-se Montes Claros, com o objetivo de entender como se processam os fluxos econômicos com essa cidade. Os entrevistados foram indagados sobre a origem dos produtos que vendem e a forma de sua aquisição, direta ou indireta. A partir das respostas, puderam-se caracterizar os estabelecimentos por tipo de comércio e serviço comercializado.

Montes Claros é o principal local de compra direta dos proprietários de estabelecimentos de comércio e prestação de serviços instalados nos municípios da aglomeração (83%). Esses comerciantes se deslocam de seu município de origem para realizar compras, abastecimento de mercadorias, entre outros, predominantemente em Montes Claros, o que ratifica o grande fluxo econômico entre os municípios da aglomeração e a cidade principal.

Gráfico 2 – Aglomeração/Municípios do entorno de Montes Claros/MG: onde realizam compra direta para comércio e serviço, 2011

Fonte: Pesquisa direta (2011).

Quanto ao local em que os comerciantes realizam as compras diretas em Montes Claros, verificou-se grande procura por distribuidores especializados (44%) e atacadistas (Villefort, 20%; e Ceanorte, 14%).

A população e/ou os comerciantes dos municípios, principalmente os menores, que realizam compras em Montes Claros buscam diversidade e preços mais acessíveis. Para os comerciantes dos municípios da aglomeração, o comércio de Montes Claros dificulta o dinamismo de seus empreendimentos, em virtude da concorrência. Verificou-se, porém, como já se disse, que a aquisição de seus produtos, de forma direta ou indireta, realiza-se predominantemente em Montes Claros.

Considerando-se esses fatores e as razões para o consumo em Montes Claros, que culmina na intensificação dos fluxos na aglomeração, foram elucidativos alguns trechos de entrevistas aplicadas aos comerciantes em seus municípios de origem.

Na fala de um proprietário do ramo de papelaria, verificou-se a dependência do comércio local em relação a Montes Claros:

Francisco Sá virou bairro de Montes Claros, [...] o comércio está fraco, o problema é Montes Claros – também não há incentivos da prefeitura local para os comerciantes (Senhor Adilson, Sacolão Sacola Cheia).

Outro comerciante de Francisco Sá atestou essa problemática:

A proximidade com Montes Claros prejudica a dinâmica comercial do município, até pequenas feiras (150 reais) são feitas em Montes Claros, nos atacadistas Makro, Maxxi e Villefort. Ilusão da população de que está economizando [...].

Em Glaucilândia, um entrevistado afirmou:

Montes Claros é Glaucilândia. Tudo aqui é em Montes Claros, às vezes a gente brinca ‘aqui é um bairro de Montes Claros’.

De acordo com um entrevistado de Mirabela,

o comércio daqui passa pelo problema de concorrência com Montes Claros, 97% são pequenos estabelecimentos, o problema no setor de comércio é muito grande. O pessoal daqui vai comprar lá [...] às vezes comprem até mais caro. [...] falo isso porque sou comerciante também. Os grandes supermercados de Montes Claros são uma concorrência forte para o comércio local daqui.

Uma das pessoas ouvidas no município de Juramento avaliou que a dependência do comércio em relação a Montes Claros é menor quando comparada ao passado e é variável, isto é, depende do tipo de produto que se pretende adquirir. Seu depoimento constata a interação, vinculada, sobretudo, à oferta de bens e mercadorias especializadas presentes na cidade principal, Montes Claros:

Já viajaram muito, com o supermercado que tem fica mais prático gastar aqui, no passado 70% da população daqui compravam em Montes Claros, hoje é cerca de 30% a 40%; compram em Montes Claros calçados, eletrodomésticos e compras especializadas.

Evidentemente, a população procura melhores condições de consumo relativas a oferta, diversidade, especialização e acesso. Por meio dos depoimentos, nota-se a inter-relação econômica entre os municípios da aglomeração e a cidade principal, por meio dos fluxos econômicos estabelecidos entre eles.

Os fluxos de transporte

A análise dos meios de transporte utilizados pela população para se deslocar demonstra uma convergência entre os municípios da aglomeração. Os meios de transporte são elementos cruciais no que se refere à articulação intermunicipal. Por meio de dados colhidos com os representantes das prefeituras dos municípios da aglomeração e entre os taxistas, identificaram-se os tipos de transporte utilizados pela população para realizar o deslocamento diário para Montes Claros. Nas prefeituras, obtiveram-se os dados relativos ao número de ônibus do Consórcio Intermunicipal de Saúde (CIS), à quantidade de viagens diárias e ao contingente de passageiros transportados.

Também se quantificaram os ônibus escolares que realizam transporte para as faculdades, universidades e escolas técnicas e profissionalizantes de Montes Claros, as viagens diárias e o número de estudantes transportados diariamente. Junto à administração do Terminal Rodoviário de Montes Claros, identificaram-se as linhas de ônibus diárias e o fluxo de passageiros com destino a Montes Claros; e, junto às prefeituras, obteve-se a quantidade de táxis que realizam o transporte intermunicipal. Apurou-se a média de viagens e passageiros transportados diariamente em entrevistas com taxistas de cada município.

Percebeu-se que, no deslocamento diário da população para a cidade principal, os meios de transporte mais utilizados eram o ônibus intermunicipal, o táxi intermunicipal e os ônibus de educação superior e ensino técnico pertencentes aos municípios de origem da população.

Gráfico 3 – Aglomeração/Municípios do entorno de Montes Claros/MG: meios de transporte utilizados para migração pendular, 2011

Fonte: Pesquisa direta (2011).

A maior parte da população da aglomeração urbana do norte de Minas Gerais (37%), o que significa 2.040 pessoas por dia, opta pelo transporte coletivo intermunicipal para realizar os deslocamentos para Montes Claros. Na década atual, houve um crescimento em viagens, linhas e número de passageiros do transporte intermunicipal. Os fluxos de passageiros que utilizam o transporte intermunicipal para se deslocar diariamente para Montes Claros evidenciam a forte integração dos municípios.

Os táxis intermunicipais (33%) também são responsáveis por parte expressiva dos deslocamentos diários no interior da aglomeração. A população que deseja o consumo de bens e serviços e estudo ou trabalho em Montes Claros prefere o táxi como transporte.

Parte significativa da população que se desloca diariamente para Montes Claros é uma classe estudantil e trabalhadora que utiliza os ônibus convencionais ou “ônibus de educação superior e técnica” (26%). Muitos estudantes não possuem condições financeiras para utilizar o automóvel particular. Eles trabalham no município de origem e estudam em Montes Claros, sobretudo à noite. Nesse sentido, observa-se que há outras finalidades de deslocamento diário da população da aglomeração para Montes Claros, além de comércio, saúde, demais serviços públicos e trabalho.

Certamente, os meios de transporte são importantes referências para dimensionar o movimento pendular na aglomeração. Eles desempenham papel fundamental na dinâmica regional da aglomeração, ao articular os fluxos de pessoas, mercadorias e veículos. A infraestrutura de transportes possibilita os fluxos diversos

e a interligação entre as áreas urbanas e rurais municipais. Os fluxos entre Montes Claros e os municípios da aglomeração são intensos e cada vez mais crescentes, o que demonstra o alto grau de articulação entre eles.

Tipologia da aglomeração urbana descontínua de Montes Claros: uma proposta

As relações estabelecidas entre as cidades da aglomeração, ou seja, os fluxos interurbanos, são marcadas por dependência e subordinação em relação a Montes Claros. Nesse sentido, não se trata de interações ou trocas estabelecidas por um modelo de cooperação e complementaridade de funções urbanas, mas, sim, por polarização, ainda que relativa, da cidade principal em relação aos demais centros da aglomeração.

Assim, baseando-se nas individualidades de cada município da aglomeração, no que se refere às suas características demográficas, econômicas e estruturais, produziu-se uma proposta de tipologia de classificação dessas cidades na aglomeração. Também os fluxos, sejam econômicos ou demográficos, diagnosticados entre os municípios da aglomeração podem contribuir para identificar e elaborar uma classificação hierárquica, ou não, dessa rede de cidades, materializada no processo de aglomeração urbana.

Nessa perspectiva, sugere-se uma proposta de tipologia para o enquadramento das cidades na aglomeração, considerando-se suas características demográficas, econômicas e estruturais, bem como seus conteúdos sociais, aliados aos fluxos e às funções urbanas.

Desde já, aponta-se a complexidade em se compreender a especificidade de cada núcleo urbano da aglomeração considerando-se os elementos já mencionados, ou seja, o grau de interação, dependência e/ou subordinação entre eles e a cidade principal, os portes demográficos ou tamanhos populacionais diferentes e o nível de dinamismo econômico e social. Todos esses elementos levam à diferenciação entre as cidades.

As interações e os fluxos entre os municípios que compõem a aglomeração de Montes Claros não são homogêneos. Há diferenças estruturais, demográficas e econômicas entre tais municípios. Nesse sentido, propõe-se uma tipologia das interações a partir da dinâmica do setor terciário desses locais.

A estratificação dos municípios da aglomeração objetiva analisar os diferentes padrões de interação entre estes e Montes Claros, considerado o município que exerce a função de centralidade ou de polarização relativa.

O critério para definir os padrões de interação fundamentou-se na noção de complexidade funcional dos setores de comércio e prestação de serviços dos municípios. Para identificar essa complexidade funcional, consideraram-se as variáveis e justificativas apresentadas a seguir.

Tamanho relativo da população rural

Conforme definição do *Censo demográfico* realizado pelo IBGE em 2010, esse critério expressa a dimensão da população que habita a zona rural do município, demandando produtos e serviços disponíveis na estrutura do setor terciário, geralmente localizada na área urbana dos municípios. Estudos realizados pelo IPEA, sob a coordenação de Guilherme Delgado e José Celso Cardoso (2000), demonstraram a importância das aposentadorias e pensões rurais para a formação de um segmento com capacidade de compra de produtos e serviços que dinamizam a economia de pequenos municípios.

Distância em relação ao município-núcleo da aglomeração

A distância, medida em quilômetros, da sede do município à sede do núcleo da aglomeração reflete o tempo de deslocamento, o que implica a possibilidade de demandas específicas de produtos e serviços a serem consumidos no município-núcleo (Montes Claros). O fator distância também pode definir a intensidade dos deslocamentos entre os municípios.

O PIB do setor de serviços, descontado o valor relativo à administração pública

A análise do PIB estratificado nos estudos sobre aglomerações urbanas torna-se fundamental, pois esse índice representa a dimensão econômica dos municípios, ou seja, em qual setor a riqueza está sendo produzida. Em todos os municípios da aglomeração, verificou-se a predominância do setor terciário em relação aos demais setores da economia.

O PIB de serviços demonstra o volume de recursos movimentados pelo setor, indicando o tamanho relativo do comércio e dos empreendimentos de serviços do município. Todavia, nos pequenos e médios municípios, a administração pública e, especialmente, os serviços associados à prefeitura e às instituições estaduais são muito expressivos. Assim, retirar do PIB do setor de serviços o volume de recursos relativos à administração pública permite observar o dinamismo real e a complexidade funcional dos empreendimentos dedicados aos setores de comércio e aos serviços disponíveis à população.

Número de agências bancárias

A quantidade de agências bancárias nos municípios é um indicador importante, pois se trata de um serviço amplamente utilizado hodiernamente. Sua ausência em

determinado município certamente implicará a necessidade de deslocamento para o consumo desse serviço em outro município mais próximo.

Número de empresas cadastradas

O número de empresas existentes no município, identificado a partir do cadastro disponibilizado pelo IBGE em seu site, expressa o tamanho e a complexidade da economia do município, com reflexo direto na dinâmica de produtos, serviços, bens e mercadorias oferecidos à população.

Por certo, a complexidade funcional do setor de comércio e de serviços dos municípios da aglomeração decorre não da existência isolada de um ou outro indicador, mas, fundamentalmente, da articulação entre estes. Nesse sentido, identificaram-se três padrões de interação entre os municípios da aglomeração e o município-núcleo, conforme o quadro 1.

Quadro 1 – Aglomeração de Montes Claros: indicadores de complexidade funcional do setor de comércio dos municípios, 2011

Município	Tamanho relativo da população rural			Distância em relação ao município-núcleo			PIB de serviços, descontada a administração pública			Número de agências bancárias			Número de empresas		
	Entre 1% e 21%	Entre 22% e 44%	Acima de 44%	Até 75Km	Entre 76 e 100Km	Acima de 100Km	Entre 1% e 22%	Entre 23% e 30%	Acima de 30%	Nenhuma	Entre 1 e 2	Acima de 2	Entre 1 e 150	Entre 151 e 700	Acima de 700
Bocaiúva															
Capitão Enéas															
Claro dos Poções															
Coração de Jesus															
Francisco Sá															
Glancilândia															
Juramento															
Mirabela															
Patis															
São João da Lagoa															
São João da Ponte															

Fonte: Elaboração própria (2012).

Como se observa nesse quadro, dividiu-se cada critério de complexidade funcional dos setores de comércio e de serviços em três indicadores de intensidade. Com exceção de Montes Claros, por ser a cidade-núcleo da aglomeração, agruparam-se os municípios em três tipos, de acordo com as características que se observaram em relação aos indicadores estabelecidos. Dessa forma, considerando-se as variáveis apresentadas, agruparam-se e classificaram-se os municípios por grau 1, 2 e 3, por se ter atribuído a eles pelo menos três dos cinco indicadores que definem cada grupo.

Grau 1 – Complexidade funcional do setor de comércio e de serviços menor

Indicadores:

- Tamanho relativo da população rural: acima de 44%.
- Distância em relação ao município-núcleo: entre 1 km e 75 km.
- PIB de serviços, descontada a administração pública: entre 1% e 22%.
- Número de agências bancárias: nenhum.
- Número de empresas: entre 1 e 150.
- Municípios: Claro dos Poções, Glaucilândia, Juramento, Patis e São João da Lagoa.

Grau 2 – Complexidade funcional do setor de comércio e de serviços intermediária

Indicadores:

- Tamanho relativo da população rural: entre 22% e 44%.
- Distância em relação ao município-núcleo: entre 76 km e 100 km.
- PIB de serviços, descontada a administração pública: entre 23% e 30%.
- Número de agências bancárias: 1 ou 2.
- Número de empresas: entre 151 e 700.
- Municípios: Capitão Enéas, Coração de Jesus, Francisco Sá, Mirabela e São João da Ponte.

Grau 3 – Complexidade funcional do setor de comércio e de serviços maior

Indicadores:

- Tamanho relativo da população rural: entre 1% e 21%.
- Distância em relação ao município-núcleo: acima de 100 km.
- PIB de serviços, descontada a administração pública: acima de 30%.
- Número de agências bancárias: acima de 2.

- Número de empresas: acima de 700.
- Município: Bocaiuva.

Nessa classificação, apenas ao município de Capitão Enéas não se pôde atribuir pelo menos três critérios de um dos grupos. Tal município foi classificado no grau 2 – complexidade funcional do setor de comércio e serviços intermediária –, em virtude de dois critérios: número de agências bancárias, entre 1 e 2, e número de empresas, entre 151 e 700.

Mapa 3 – Aglomeração de Montes Claros/MG: complexidade funcional dos setores de comércio e serviços, 2011

O agrupamento dos municípios em três tipos permite observar que a diversidade de características destes implica variações ou mesmo padrões de interação distintos entre eles e o município-núcleo, Montes Claros. Nesse sentido, a população de municípios pertencentes ao grau 1, 2 ou 3, em virtude de menor ou maior complexidade funcional de seu setor de comércio e de serviços, consumirá, prioritariamente, produtos e serviços distintos e com intensidades variadas no município-núcleo da aglomeração.

Identificados as diferentes formas de interação entre os municípios da aglomeração de Montes Claros e seus padrões espaciais e socioeconômicos a partir do modelo de tipologia da aglomeração proposto, possivelmente o estudo contribuirá para o aprofundamento e a qualificação das discussões, tanto no plano acadêmico quanto no político-institucional, sobre o planejamento regional.

Planejar Montes Claros e os municípios de seu entorno, reconhecendo e compreendendo a aglomeração urbana daquela cidade, certamente permitirá o desencadeamento de ações conjuntas e integradas, com vistas à melhoria das condições de vida da população.

Considerações finais

A aglomeração urbana de Montes Claros resulta de profundas transformações históricas, econômicas, geográficas e socioespaciais que influenciam, direta e indiretamente, a organização territorial. Sua análise implica considerar as escalas espaço e tempo como elementos cruciais para sua configuração. O dinamismo, os papéis e a configuração dos centros urbanos da aglomeração de Montes Claros associam-se aos impactos do meio técnico-científico informacional, aos transportes e à materialização de processos econômicos, sociais, políticos e infraestruturais, entre outros.

Consequentemente, os fluxos materiais e imateriais entre Montes Claros e os municípios do entorno, somados às transformações na economia e na sociedade, tornaram-se cada vez mais intensos, resultando no processo de aglomeração urbana descontinua em análise.

A intensificação da urbanização é um aspecto relevante na análise, pois atinge áreas circunvizinhas, tornando a cidade dispersa espacialmente, com uma concentração da população e das atividades econômicas.

A aglomeração urbana de Montes Claros materializa-se a partir da pujança das atividades terciárias que movimentam os fluxos espaciais e socioeconômicos entre os municípios. As interações espaciais entre as cidades decorrem da necessidade de atendimento às demandas de consumo de bens e serviços das populações. A análise da aglomeração de Montes Claros possibilitou conhecer os papéis desempenhados pelo conjunto dos centros urbanos, considerando suas articulações, seus relacionamentos, seu tamanho, sua importância e seu nível de centralidade.

Montes Claros apresenta-se como uma forte centralidade no norte de Minas Gerais e atrai populações de toda a região, o que culmina em movimentos pendulares, ou seja, em deslocamento diário de população em busca de consumos diversos. O alcance dessa cidade média está intrinsecamente ligado à sua infraestrutura, seu caráter comercial e industrial, sua prestação de serviços, entre outros fatores.

Nessa perspectiva, o setor terciário é um dos maiores geradores de fluxos e fixos em Montes Claros. Grande parte da população regional procura os serviços por ele oferecidos. As cidades menores, em sua maioria, não os possuem ou, quando possuem, eles não oferecem a mesma diversidade e especialização funcional. Montes Claros consolidou sua função polarizadora no norte de Minas Gerais alicerçada nos setores de comércio, prestação de serviços e indústria.

Diante disso, é possível assinalar o processo de aglomeração dessa cidade com os municípios que lhe fazem fronteira como uma articulação além dos limites político-administrativos, daí seu caráter de descontinuidade territorial. As vinculações entre Montes Claros e seus vizinhos contemplam, notadamente, a esfera econômica, que motiva os fluxos de pessoas, mercadorias e capitais e evidencia, assim, uma continuidade espacial.

Nesse sentido, a formação dessa aglomeração urbana demonstra, por um lado, sua especificidade e, por outro, torna-se um instrumento possível para o planejamento urbano e territorial, numa escala não somente municipal, mas também regional.

Referências

- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. *Geografia urbana*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1995, pp. 126-32.
- CORRÊA, Roberto Lobato. "Construindo o conceito de cidade média". In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (org.). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, pp. 23-33.
- DAVIDOVICH, Fany R. e LIMA, Olga M. B. "Contribuição ao estudo de aglomerações urbanas no Brasil". *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro (IBGE), jan.-mar. 1975, ano 37, n. 1, pp. 3-84.
- FRANÇA, Iara Soares. *A cidade média e suas centralidades: o exemplo de Montes Claros no norte de Minas Gerais* (dissertação). UFU, 2007, 208 p.
- . *Aglomeração urbana descontínua de Montes Claros/MG: novas configurações socioespaciais* (tese). UFU, 2012, 393 p.
- HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, 400 p.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). "Migração e deslocamento, resultados da amostra, comentário dos resultados". *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, 2001.
- . *Região de Influência das Cidades (REGIC)*. Rio de Janeiro, 2007.
- . *Região de Influência das Cidades (REGIC)*. Rio de Janeiro, 2010.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA), INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE), UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (Unicamp/NESUR). *Configuração atual e tendências da rede urbana*, v. 1. Brasília, 2001. (Série Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil.)
- JOHNSON, James H. *Geografia urbana*. Oxford: Pergamon Press Ltd., 1974, 280 p. (Coleção Elementos da Geografia.)
- MATOS, Ralfo. *Aglomerações urbanas, rede de cidades e desconcentração demográfica no Brasil*, 2000, pp. 1-22. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br.html>. Acesso em set. 2010.

- MIYAZAKI, Vitor Koiti. *Um estudo sobre o processo de aglomeração urbana: Álvares Machado, Presidente Prudente e Regente Feijó* (dissertação). UNESP, 2008, 171 p.
- MOURA, Rosa; CASTELLO BRANCO, Maria Luisa Gomes; FIRKOWSKI, Olga Lúcia C. de Freitas. *Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos/Commuting and research perspectives in urban agglomerations*, 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v19n4/v19n4a08.pdfhtml/>. Acesso em 27 set. 2008.
- OJIMA, Ricardo. “Dimensões da urbanização dispersa e proposta metodológica para estudos comparativos: uma abordagem socioespacial em aglomerações urbanas brasileiras”. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, jul.-dez. 2007, v. 24, n. 2, pp. 1-34.
- PEREIRA, Fabiano Maia e LEMOS, Mauro Borges. “Cidades médias: uma visão nacional e regional”. *Anais do XI Seminário sobre Economia Mineira*. Diamantina, 24-27 ago. 2004. Disponível em <http://www.cedeplar.ufmg.br>. Acesso em 3 fev. 2012.
- VILLAÇA, Flávio. *A delimitação territorial do espaço urbano*, 1997. Disponível em <http://www.flaviovillaca.arq.br>. Acesso em set. 2010.